

A “Guerra ao Terror” e o cinema estadunidense no pós-11/09

Daniel Ivori de Matos (UNIOESTE)

A manhã do dia 11 de setembro de 2001 marcou um dos eventos mais significativos nesse breve século XXI, seja para os EUA, como para toda a ordem mundial, os atentados as Torres Gêmeas e ao Pentágono, símbolos do poder estadunidense. Nos dias seguintes a repercussão dos atentados acentuaram os debates acerca da política interna e externa¹ estadunidense no combate ao terrorismo, e todo um discurso referente à defesa da nação, e posteriormente na “divulgação” do ideal de democracia e liberdade, culminando em várias discussões no âmbito internacional.

Completado mais de uma década dos atentados de 11/09, suas consequências foram sentidas em todo o globo, culminando em uma crise internacional. Ademais a liderança e o projeto dos EUA foi posto em cheque e sua política externa sofreu problemas tão graves quanto na época da Guerra do Vietnã, assim, além de enfrentar o terrorismo os EUA tinham que lidar com as armadilhas criadas pelo seu projeto ideológico. Contudo, numa onda de ressentimento pós-11/09, os debates acirrados nas relações internacionais e a problematização da “paz mundial”, conduziram e auxiliaram os EUA em uma ofensiva contra o Afeganistão² e por seguinte contra o Iraque.³

As várias mídias (jornais, rádio, TV, fotografia, cinema, *internet*) acabaram por compor várias representações sobre o 11 de setembro e os jogos diplomáticos acerca da política externa dos EUA. Evidentemente que Hollywood também não desperdiçaria a oportunidade de tratar de tal assunto, seja a favor ou contra as ações do governo. A indústria cinematográfica estadunidense há muito dissemina representações sobre o terrorismo, de forma que sempre representou seus conflitos ou mesmo pequenas alegorias, e que por vezes disseminou estereótipos de seus “inimigos”, como por exemplo, os inúmeros filmes que abordam o contexto da Guerra Fria, na defesa de sua ideologia. Ao ponto que atualmente se tornou comum

diversos filmes associarem pessoas oriundas do Oriente Médio ou da religião mulçumana ao terrorismo fundamentalista islâmico.

De maneira que foi inevitável a repercussão de vários discursos frente ao terrorismo através da indústria cinematográfica estadunidense, em inúmeros contextos e que se intensificaram após os atentados de 11/09. Tendo em conta que algumas produções buscaram “reviver” tal evento, e tantas outras se mostraram favoráveis às políticas antiterroristas do governo Bush. Por outro lado, muitos filmes criticaram algumas ações políticas do governo dos EUA, muitos destes filmes independentes, conseqüentemente abordando questões referentes, a Guerra do Iraque e a Guerra no Afeganistão.

Vários discursos sobre a “Guerra ao Terror” tomaram ares simplificadoros na voz do ex-presidente George W. Bush, que se referiam a luta entre o bem e o mal. Tais abordagens se intensificaram através do efeito midiático e espetacular das representações dos atentados de 11 de Setembro, principalmente através de produções estadunidenses durante o primeiro mandato de Bush. Filmes que nada mais faziam do que convencer a todos do sentido social de muitas ações antiterroristas, voltando-se ao sentimento nacionalista, da identidade estadunidense e do ressentimento dos atentados, que justificaram as ações em pró do combate ao terrorismo e nas declarações frente à defesa da nação estadunidense.

E é nesse contexto que a política interna e externa tornaram-se indissociáveis, já que a segurança nacional se tornou prioridade para os líderes do país juntamente ao combate ao terrorismo internacional. Várias ações do ex-presidente Bush, consistiram em tomar moldes de tempos de guerra, tendo autorizado diversos julgamentos militares de cidadãos estrangeiros suspeitos de participarem dos ataques de 11/09. De modo que em todo o território dos EUA, agentes federais investigavam e interrogavam estrangeiros, dando preferência a sujeitos oriundos de países árabes, na busca de conexões com células terroristas (RUSHMANN, 2005, p. 16).

Pode-se considerar isso como um ponto de legitimação do poder estadunidense, em identificar um inimigo em potencial, o terrorismo necessita de um rosto, ou melhor, ideologia oposta ao modelo estadunidense. E não somente nessa questão de disseminar uma imagem do terrorismo, mas também da criação de

aparatos antiterroristas, de formas para combater ações terroristas, como o Ato Patriótico (*USA Patriot Act*)⁴. Esta nova onda de discussões internacionais sobre o terrorismo contribuíram para a realização de diversas reformas legislativas tanto nos EUA como na Europa, que conseqüentemente alteraram diversos direitos fundamentais como a liberdade e a segurança, em pró do antiterrorismo e da defesa da democracia (CONDE, 2006).

Evidentemente, logo após os atentados de 11/09, o governo estadunidense precisava explicar tal evento, sobre quem cometeu tal ato e com que objetivo, de modo que diversas informações sobre a autoria dos ataques apontaram para a organização *Al-Qaeda*⁵, na época, tendo como principal mentor Osama Bin Laden, que estava sob proteção dos Talibãs no Afeganistão. Nesse cenário, o governo estadunidense empreendeu estratégias militares, cercando o país e exigindo a entrega de Bin Laden, tendo também arquitetado ações diplomáticas a fim de obter o apoio da ONU e da OTAN (JAGUARIBE, 2002).

A partir desse momento são recorrentes os discursos do governo Bush frente as estratégias de segurança nacional, bem como a perpetuação no imaginário estadunidense da possibilidade de ataques terroristas. E nesse segmento da Doutrina Bush e da política antiterrorista, são recorrentes os discursos sobre o “Eixo do Mal”, referindo-se aos países que apoiavam o terrorismo, sendo citados o Irã, o Iraque e a Coreia do Norte. Para os EUA tais países apresentavam maior perigo já que possuíam motivos e formas de colaborar e fornecer armas para grupos terroristas. Tendo o governo Bush concluído estratégias de segurança aos moldes da Guerra Fria já não eram suficientes frente as redes internacionais de terrorismo (RUSHMANN, 2006, p. 17). Nesses meandros, no dia 20/09/2001, o ex-presidente George W. Bush declarou que os EUA estavam em guerra contra os terroristas, empreendendo o que ficou conhecido como a “Guerra ao Terror” (RUSHMANN, 2006, p. 15).

Nesse contexto, o Afeganistão foi apontado como um dos países onde se encontravam os campos e bases de treinamento da organização *Al-Qaeda*. Contudo, apesar do Afeganistão estar sob o controle do Talibã, o governo era reconhecido por poucos países, o ex-presidente Bush, mais uma vez exercendo uma política imperialista, exigiu a entrega dos líderes da *Al-Qaeda* e o fechamento

dos campos de treinamento terroristas ao Talibã, que evidentemente recusou. Após tais circunstâncias, os EUA empreenderam uma ofensiva militar com o apoio da Aliança do Norte, composta por afegãos contrários ao Talibã. Tal ação resultou na expulsão dos Talibãs das principais cidades do país, vários componentes do grupo foram mortos, bem como muitos líderes da rede terrorista *Al-Qaeda* (RUSHMANN, 2006).

Frente ao chamado “Eixo do Mal”, foram divulgadas informações de que havia armas de destruição em massa no Iraque e também que o país mantinha conexões com a organização *Al-Qaeda*. Porém estas afirmações foram colocadas postas à prova, com inúmeras acusações de que serviriam apenas com propósito de manipular a opinião pública a partir dos eventos de 11/09. Richard A. Clarke, ex-chefe da segurança antiterrorista dos EUA, escreveu em seu livro *Contra todos os Inimigos (Against All Enemies, 2004)*, que o governo não levou em conta as advertências da inteligência acerca da organização *Al-Qaeda* antes dos atentados de 11/09/2001, “[...] e utilizou os ataques para travar uma guerra totalmente independente no Iraque, levando o povo americano a acreditar que o regime iraquiano de Saddam Hussein estava envolvido no 11/09” (HOLLOWAY, 2008, p. 31).

Tal empreendimento do governo Bush acabou não somente por afetar a política externa, mas também a política interna estadunidense, um exemplo disso foi a perda de poderes do partido republicano de Bush dentro do Congresso, algo que não ocorria desde 1994. Sobretudo a Guerra do Iraque gerou manifestações populares anti-guerra, fatos semelhantes ao período da Guerra do Vietnã (HOLLOWAY, 2008, p. 32). Nesse sentido, pode-se indagar os inúmeros discursos de George W. Bush acerca do “Eixo do Mal”, que apontavam o Iraque como um dos países envolvidos com redes terroristas. Contudo, tais acusações da relação do Iraque com grupos terroristas e de que possuía armas de destruição em massa, foram baseados em frágeis documentos, já que tais grupos terroristas possuíam abrigo no Paquistão, Somália, Sudão e Yêmen (SILVA, 2009).

Diversas ações diplomáticas e militares empreendidas pelos EUA, deixam claro o lugar privilegiado do qual usufruem, impondo uma lógica na qual não existe neutralidade, tornando-se uma exigência, ademais imperialista, aos moldes de uma

recolonização, agora aplicada ao Oriente Médio (LANDER, 2002). Não obstante, tais prerrogativas colocam os EUA no direito de classificar que países fomentam atos terroristas, classificando quem é ou não terrorista, ou melhor, o terrorismo internacional tornou-se um termo no qual o governo estadunidense qualifica que religião ou ideologia se aplica.

Muitos conceitos acabaram por circundar a “Guerra ao Terror”, e se tornaram sinônimos e metonímias no imaginário social do Ocidente ao longo dos anos como: islamismo, terrorismo e Oriente Médio. De tal modo, inúmeras interpretações tendenciosas da religião muçulmana – especialmente durante o governo Bush –, criaram representações alienantes, manipulando a opinião pública. Apesar dessa construção de sentidos pejorativos do Oriente Médio e do mundo islâmico, destaca-se que existe um número cada vez maior de países muçulmanos que almejam constituir uma relação mais próxima com o Ocidente, interessados no desenvolvimento de suas instituições de maneira democrática (GIAQUINTO, 2008).

Essa estratégia do governo Bush em propagar representações midiáticas do terrorismo fundamentalista islâmico, torna-se aplicável em vista das ações diplomáticas, que exploraram o poder que os EUA possuem em âmbito internacional. Sendo pertinente, neste momento mencionar que o país já foi condenado por terrorismo internacional pela Corte Mundial, devido as suas ações contra a Nicarágua na década de 1980, que apelou a várias organizações mundiais, sem surtir efeito, visto o poder que os EUA exercem nas relações internacionais.

Acerca da relação da política interna e externa dos EUA, percebe-se como o cinema constituiu-se numa prática significativa para expor opiniões e gerar debates sobre o terrorismo na atualidade. E naturalmente rompeu paradigmas comuns da produção cinematográfica, ou seja, exploraram-se diversas características narrativas e estéticas, para defender argumentos e conquistar seu público, tanto a favor ou contra os EUA, seja por estrangeiros ou por seus cidadãos.

A filmografia sobre a “Guerra ao Terror” ainda é pequena em relação a outros temas como a Guerra Fria. Em virtude da grande circulação que o cinema possui, a problematização do 11 de Setembro ou dos conflitos no Afeganistão ou Iraque, abre inúmeras possibilidades de pesquisa. E de tal modo problematizar não somente as questões referentes ao efeito dos atentados e da espetacularização através da

mídia, principalmente em relação a jornais internacionais ou nacionais, mas compreender todo o efeito causado pelo 11 de Setembro e das consequências da política antiterroristas dos EUA.

Em muitas produções é constante o uso de imagens de TV, gravações e fotografias amadoras sejam de câmeras comuns ou de telefones celulares. Artifício que conduz o telespectador a um tom de “veracidade”, justamente por essa aproximação da “realidade”. De tal modo que se tornou um recurso estético/narrativo muito atraente para representar os temas que o estudo abarca. Tal aspecto possivelmente está relacionado, não apenas com a acessibilidade à tecnologia de imagem/gravação, mas em especial ao fato de tais filmes serem produzidos enquanto os EUA ainda definiam seus movimentos no Afeganistão e no Iraque, proporcionando uma maior proximidade com o público.

Tal elemento pode ser notado em praticamente todos os documentários, bem como em muitos filmes de ficção – neste caso criando imagens como sendo amadoras. Para citar apenas dois dentre outros exemplos: o documentário *11/09 (09/11, 2004)* contém cenas filmadas no momento exato dos atentados; e *No Vale das Sombras (In the Valley of Elah, 2007)* com certo teor crítico, o filme trata do retorno de um jovem soldado aos EUA após servir no Iraque, e faz uso de várias cenas como sendo filmadas por uma câmera de celular.

Neste contexto, destaca-se que Hollywood após 11 de Setembro, “[...] assim como o cinema durante a Guerra do Vietnã não abordou a Guerra do Vietnã até mesmo após o conflito, o cinema americano de terrorismo não tinha declaradamente abordado a guerra contra o terror entre 2001-2007” (CETTL, 2009, p. 14). Somente levou ao público, pequenas alegorias dos atentados as Torres Gêmeas e ao Pentágono e aos temas que circundam a “Guerra ao Terror”, apenas com revisionismos de conflitos anteriores com tratamentos mais recentes. Configurando produções como: *A Vila (The Village, 2004)*, *A Guerra dos Mundos (War of the Worlds, 2005)*, *remake* da produção homônima de 1953, *V de Vingança (V for Vendetta, 2006)* e *300 (300, 2007)*.

Na concretização da estranha confluência do escapismo do cinema e dos eventos reais, o cinema americano sobre terrorismo de repente parou. Os filmes já em andamento foram concluídos, alguns deles modificados de antemão e foram liberados, mas o terrorismo

como tema foi considerado inadequado. O presidente George W. Bush, nascido cristão, eleito em grande parte através de Karl Rove, com sua manipulação da direita religiosa, lançou a retórica “conosco ou contra nós”, que com a eleição de Barack Obama resultou em uma onda contra o ressentimento americano em todo o mundo (CETTL, 2009, p. 14).

Durante os primeiros anos pós-atentados, no primeiro mandato de George W. Bush (20/01/2001-20/05/2005), os filmes com teor crítico eram em sua maioria produzidos por equipes independentes ou fora dos EUA (CETTL, 2009, p. 14). Pode-se citar a produção *11 de setembro (11'09"01, 2002)*, que contém 11 curtas-metragens de 11 diretores de diversos países (Egito/EUA/França/Irã/Japão/México/UK), cada curta traz a visão específica de cada diretor sobre o 11 de Setembro, ao ponto que se pode perceber uma visão coletiva de tais eventos. E também o documentário *Fahrenheit 11 de Setembro (Fahrenheit 9/11, 2004)* que constrói diversos argumentos criticando o governo Bush. Foi produzido e distribuído por empresas independentes e abriu caminho para a produção de diversos documentários como, por exemplo, o documentário estadunidense *Verdade Revelada: a guerra no Iraque (Undercovered: the war of Iraq, 2004)* que também é contrário a George W. Bush.

Após a reeleição de George W. Bush (20/01/2005-20/01/2009) nota-se produções que trataram de representar o 11 de Setembro, a exemplo do *blockbuster*. *As Torres Gêmeas (World Trade Center, 2006)*, dirigida pelo cineasta-historiador⁶ Oliver Stone, teve como objetivo “reviver” o acontecimento, mas trata de aspectos que se referem ao contexto nacional, exaltando uma representação identitária sobre o 11 de Setembro. No mesmo ano, temos os filmes: *Vôo United 93 (United 93, 2006)*; e também o especial para TV *Vôo 93 (Flight 93, 2006)*. Ambas as produções citadas seguem a premissa de trazer a tona o ressentimento estadunidense frente aos atentados de 11 de Setembro.

Após alguns anos das investidas dos EUA no Afeganistão e no Iraque – fundamentais para a reeleição de George W. Bush –, houve um desgaste da retórica da “Guerra ao Terror” e do discurso da expansão da democracia, este aplicado principalmente ao Iraque – evidentemente levando em conta as especificidades de cada um dos conflitos. Muitas produções se voltaram a criticar a

política externa dos EUA, sobretudo referentes ao governo Bush, por vezes especulando os motivos armações políticas, em grande parte realizada por atores, atrizes, produtores e diretores opositores a política externa do país. Pode-se citar as produções: *Syriana: a indústria do petróleo* (*Syriana*, 2005); *Leões e Cordeiros* (*Lions for Lambs*, 2007); *Sem Fim À Vista* (*No End in Sight*); *Rede de Mentiras* (*Body of Lies*, 2008). Notam-se em meio a esse grupo de filmes críticas diversas as ações políticas dos EUA.

No segundo mandato de Bush houve um aumento de filmes que retratam as ações no Afeganistão e no Iraque, pode-se citar: *A Volta dos Bravos* (*Home of the Brave*, 2006); *A Situação* (*The Situation*, 2006); *Terra de Ninguém* (*Badlands*, 2007); *No Vale das Sombras* (*In the valley of Elah*, 2007); *Nossa Vida Sem Grace* (*Grace Is Gone*, 2007); *Guerra Sem Cortes* (*Redacted*, 2007); *Stop-Loss: a lei da guerra* (*Stop-Loss*, 2008); *Guerra ao Terror* (*The Hurt Locker*, 2008).

Uma abordagem que se tornou comum nesse grupo de filmes foi a representação do combate e a volta para a casa, destacando os traumas causados pela guerra e a não adaptação à rotina civil. Em muitos filmes as atrocidades ou enganos dos soldados são reconhecidos e perdoados pelos familiares e/ou com honrarias militares, muitas vezes aclamados como heróis de guerra. Muitos destes filmes tendem a recorrer a inúmeros clichês (o uso constante de *flashbacks*), com receio de que o telespectador não compreenda o sentido de tal cena. Esse grupo de filmes conquistou maior sucesso de bilheteria, notando que esses filmes possuem elementos que remetem a muitos filmes sobre Vietnã e também a Segunda Guerra Mundial.

Notam-se, portanto, dois grandes modelos fílmicos ao longo do governo Bush: primeiramente um ressentimento e conseqüentemente o estranhamento com a abordagem de temáticas terroristas, que culminaram em produções estrangeiras e/ou independentes, alegorias/revisionismos e representações do 11/09; em seguida uma abordagem voltada as conseqüências e as críticas à política durante o governo Bush, tais produções buscam representar os jogos políticos e econômicos dos EUA, bem como um grupo de filmes que retratam os conflitos no Afeganistão e no Iraque.

Torna-se evidente a riqueza das fontes cinematográficas acerca da “Guerra ao Terror”, e das inúmeras questões que circundam o tema, como as relações entre Ocidente e Oriente Médio e o imperialismo dos EUA. Portanto, o cinema se apresenta uma modalidade cultural e social poderosa, contra as generalizações de outras mídias (jornais, telejornais, jornais *online*), que muitas vezes contribuem para um imaginário da barbárie, reproduzindo discursos, como os do ex-presidente George W. Bush, sobre a luta do bem e o mal. Assim, o cinema se mostra uma fonte de grande respaldo, sendo possível compreender as distintas visões e opiniões, notando quais impactos e transformações políticas, sociais, culturais, foram exploradas, incorporadas e expressas através das estratégias da linguagem/estética da narrativa cinematográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Sean; SLOAN, Stephen. Historical dictionary of terrorism. Lanham, MD: Scarecrow Press, 2009.
- CETTL, Robert. *Terrorism In American Cinema: an analytical filmography, 1960-2008*. Jefferson, N.C., McFarland & Company, Inc., Publishers. 2009.
- CONDE, Enrique Álvarez. GONZÁLEZ, Hortensia. Legislación antiterrorista comparada después de los atentados del 11 de septiembre y su incidencia en el ejercicio de los derechos fundamentales. Análisis del Real Instituto Elcano (ARI), n.º 8, Madrid, 2006.
- GIAQUINTO, María Benedicta. Terrorismo: uma luta de occidente contra la perdida de libertad. Revista Pléyade, N.º. 2, 2008 , p. 104-127.
- HOLLOWAY, David. 9/11 and the War on Terror. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.
- JAGUARIBE, Helio. *Terrorismo e Islam*. Revista Nueva Sociedad, N.º. 177, Enero-Febrero 2002. Disponível em: <<http://www.nuso.org/revista.php?n=177>>. Acesso em: 25/03/2011.
- LANDER, Edgardo. *Los civilizados y los bárbaros*. Revista Nueva Sociedad, N.º. 177, Enero-Febrero 2002. Disponível em: <<http://www.nuso.org/revista.php?n=177>>. Acesso em: 25/03/2011.
- NIGRA, Fabio G [et. al.]. Hollywood, ideologia y consenso em la historia de Estados Unidos. 1ª ed. Ituzaingó: Maipue, 2010.
- RÉMOND, René (Org.). Por uma história política. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- RUSCHMANN, Paul. The War on Terror. New York: Infobase Publishing, 2005.
- TEIXEIRA DA SILVA, F. C. Os Estados Unidos e a Guerra contra o Terrorismo. In: ZHEBIT, Alexander; DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. (Org.). Neoterrorismo: reflexões e glossário. 1ed. Rio de Janeiro: Gramma, 2009, v. 1, p. 11-40.

¹ Cabe aqui expormos considerações acerca das políticas internas e externas de um Estado, sendo que “[...] não há diferença de natureza, tampouco separação estanque entre *interior* e o *exterior*, mas interações evidentes entre um e o outro, com entretanto, uma primazia reconhecida do primeiro sobre o segundo”. “Como o interno prevalece, pelo menos quantitativamente, sobre o externo, é em torno dele e da influência que exerce sobre as orientações da política externa que se articula o maior

número de questões". RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2003, p. 370.

² Referenciada também como Segunda Guerra do Afeganistão e Operação Liberdade Duradoura, teve início em 07 de outubro de 2001, ainda está em curso, tendo o atual presidente, Barack Obama, declarado a retirada do exército estadunidense até 2014.

³ Também chamada de Ocupação do Iraque, continuação da Guerra do Golfo, e também como Operação Liberdade do Iraque, iniciou-se com a invasão do Iraque em 20 de março de 2003 pelos EUA e seus aliados, Reino Unido, Espanha, Itália, Polônia e Austrália, e encerrou-se em 18 de agosto de 2010.

⁴ *Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act*. (Ato de Unir e Fortalecer a América Providenciando Ferramentas Apropriadas Necessárias para Interceptar e Obstruir o Terrorismo). Trata-se de uma lei criada após os atentados de 11 de setembro de 2001, por George W. Bush em 26 de outubro de 2001. Tal lei traz em discussão diversas questões acerca da quebra de direitos constitucionais, a favor segurança nacional, em virtude da guerra contra o terrorismo. Recentemente a lei foi prorrogada até junho de 2015.

⁵ QAEDA, AL. Alternativa ortográfica de Al Qa'ida nome completo Saudita Al Qaeda al Sulbah. Os vários objetivos deste grupo são refletidas na grande quantidade de denominações que tem usado, como o Exército Islâmico para a Libertação dos Lugares Santos, o Grupo de Proteção dos Lugares Santos, e Frente Islâmica Mundial para a Jihad contra os Judeus e Cruzados, entre outros. ANDERSON, Sean K; SLOAN, Stephen. *Historical dictionary of terrorism*. Lanham, MD: Scarecrow Press, 2009, p. 557. (Tradução nossa).

⁶ O historiador Robert A Rosenstone faz uma pequena exposição sobre o termo cineasta-historiador aplicado a Oliver Stone, em seu livro: *A história nos filmes/Os filmes na história*. Cf: ROSENSTONE. Robert A. *A história nos filmes/Os filmes na história*. Tradução: Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.